



Kênia Cardoso Bicego

Ilustrações

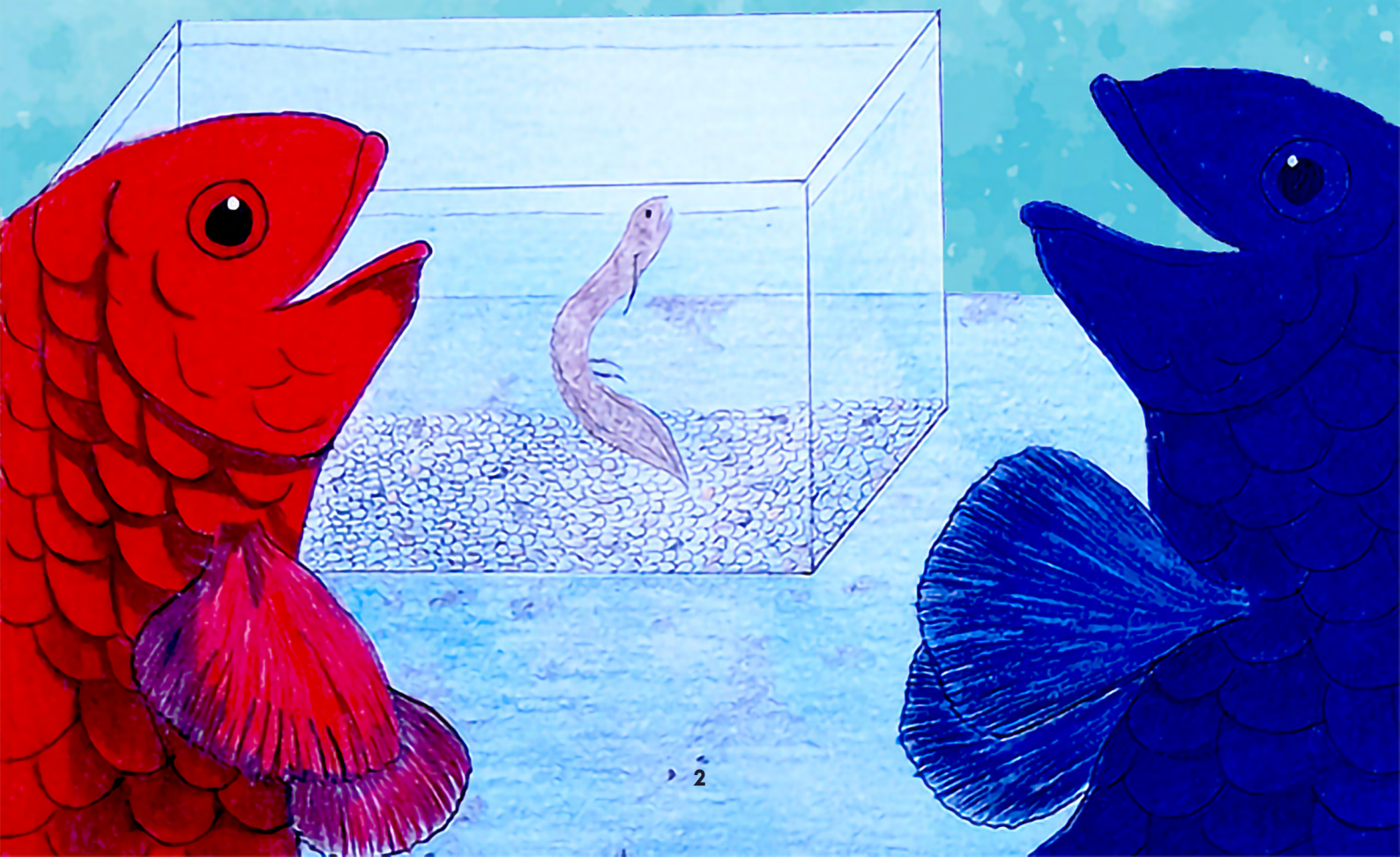
Luiz Fernando Ferreira

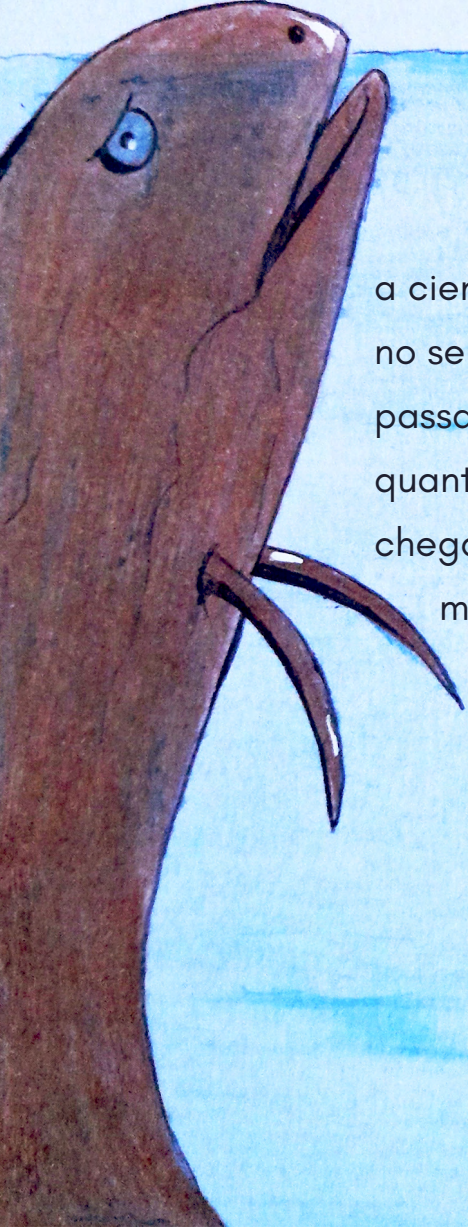
PIRAMBA

Um peixe diferente
com crise de identidade

Piramba era um peixe, mas não respirava na água. Isso parecia estranho.

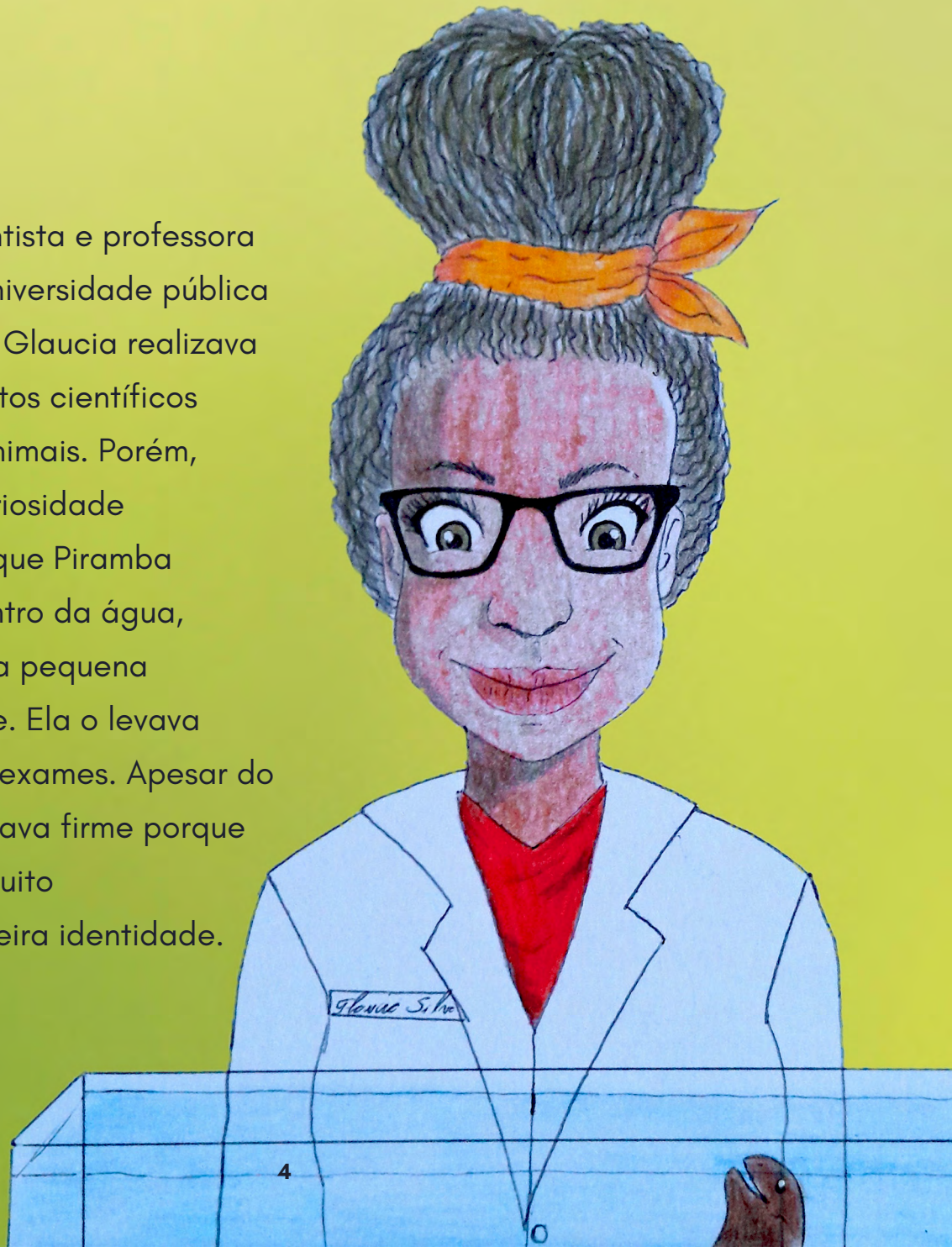
Ele vivia num aquário com água limpa e cheia de oxigênio. Mesmo assim, tinha de subir até a superfície para respirar o ar. Os outros peixes, nos tanques vizinhos, viviam zombando dele. “Não sabe respirar na água”, diziam, rindo.





Isso o deixava muito triste. Só ficava alegre quando a cientista Dra. Glaucia da Silva vinha observar os animais no seu laboratório. Piramba era o predileto dela. Glaucia passava um longo tempo fazendo anotações e contando quantas vezes ele subia para respirar a cada hora. Ela chegava bem perto do tanque e falava com olhos maravilhados: “Eu vou descobrir porque você é diferente dos outros peixes. Vai ser incrível!” E ia embora toda animada.

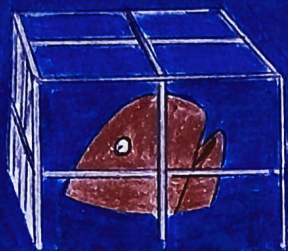
Por ser cientista e professora de uma universidade pública brasileira, Glaucia realizava muitos experimentos científicos com diferentes animais. Porém, tinha especial curiosidade em descobrir porque Piramba não respirava dentro da água, mesmo tendo uma pequena brânquia de peixe. Ela o levava para fazer vários exames. Apesar do medo, ele aguentava firme porque também queria muito saber sua verdadeira identidade.



Entretanto, havia oportunistas também de olho nesse mistério, como o Dr. Pilantrino, um pesquisador muito vaidoso que trabalhava ao lado do laboratório de Gláucia. Ele queria sempre levar vantagem em tudo e vivia tramando um jeito de sequestrar Piramba. Para isso, aproveitou um momento em que não havia ninguém por perto, colocou-o em uma das grades usadas em experimentos com peixes e o escondeu no lago da universidade.



Piramba ficou bem assustado, pois nunca tinha visto um lago tão grande. Numa de suas subidas à superfície da água para respirar, no comecinho da noite, ele levou um susto



ao dar de cara com uma sapa enorme que estava bem perto da margem. Ela estava parada e focada no seu jantar, lançando sua língua enorme para capturar vagalumes. Só depois de um tempo é que ela percebeu que tinha mais alguém ali.





— Olá. Quem é você que fica aparecendo e desaparecendo dentro da água?

— Oi. Eu sou Piramba, o peixe defeituoso. E você, quem é?

— Eu sou Rhina, a sapa mais antiga dessa região, mas nunca tinha visto um peixe que respira como você. Que interessante! Por que você diz que é “defeituoso”?

— É assim que os peixes do aquário me chamam.

— Nenhum outro peixe é assim como você? — perguntou Rhina, com sincera curiosidade.

— Não. Só eu sou assim lá nos tanques do laboratório. Não sei minha origem.

— Não ter alguém parecido com você aqui, não exclui a possibilidade de existir em outro lugar. — disse Rhina, com sua sabedoria anciã. — Além disso, ser diferente não significa ser defeituoso. Você poderia perguntar para a Jabutica, que é bem mais velha que eu e já andou por muitos lugares. Ela passa por aqui de vez em quando, mas bem mais cedo, pois não gosta de andar à noite como eu.

— Obrigado, Rhina, pela sua ajuda!

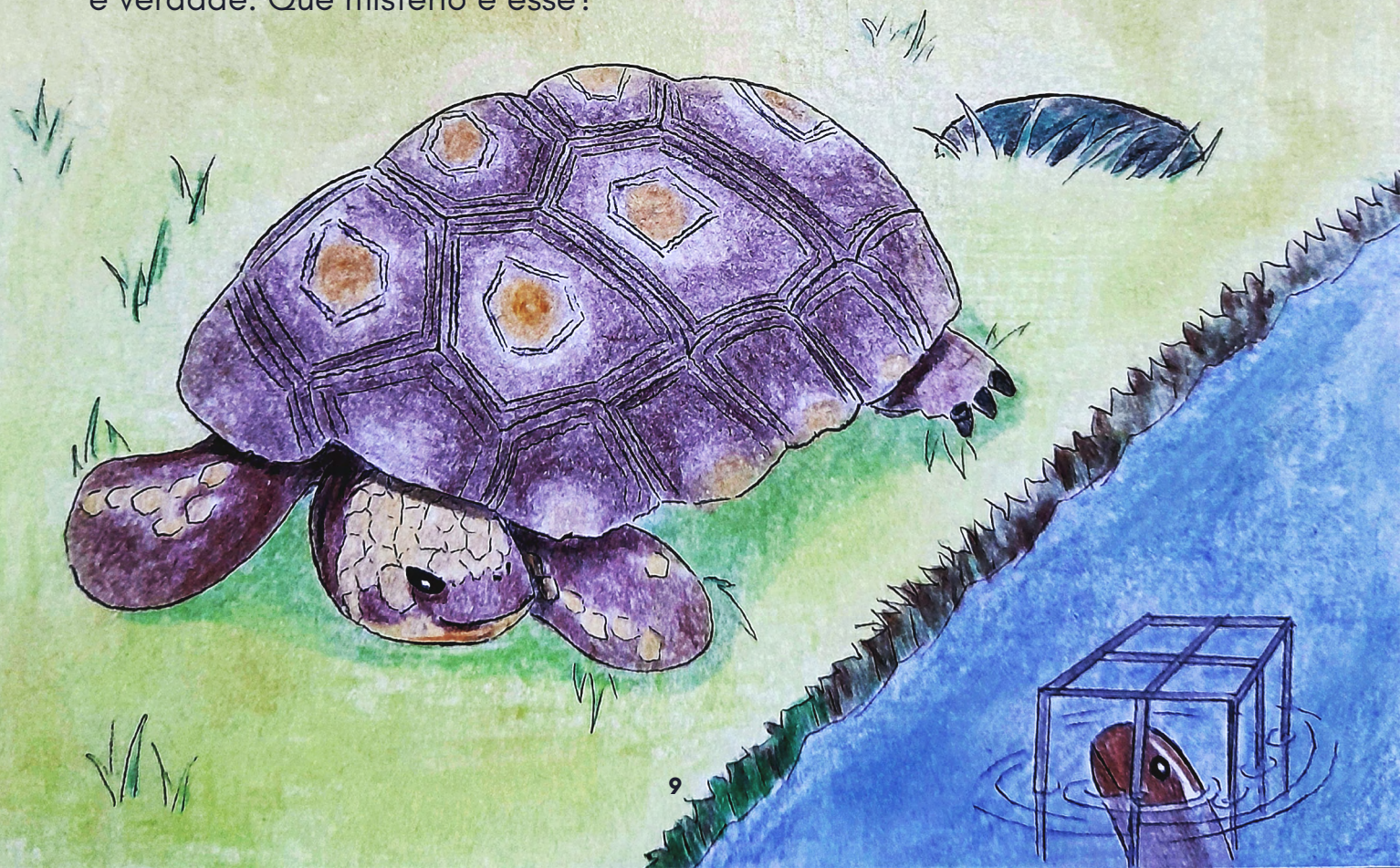
Pela primeira vez em muito tempo, Piramba ficou animado e ansioso por encontrar a sábia viajante que poderia ajudá-lo. No dia seguinte, para sua sorte, avistou uma jabuti que se aproximava devagar da beira do lago. Mais que depressa, gritou:



– Olá! Por acaso você é Jabutica, a jabuti mais antiga dessa região?

– Oi. Sou eu mesma.

– A Rhina me disse que você poderia ajudar a solucionar meu mistério.

– Essa Rhina acha que tenho resposta para tudo. Nem sempre isso é verdade. Que mistério é esse?





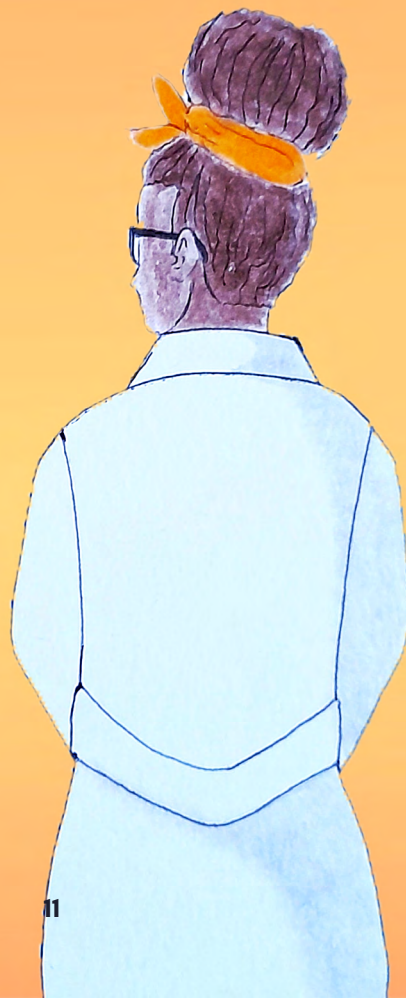
Piramba contou seu drama para Jabutica, que o escutava com toda a sua paciência.

— Calma, meu filho! É importante sabermos nossas origens, mas não é caso para desespero. Checando aqui na minha memória, não me lembro de ter visto alguém como você. Talvez você não seja peixe. Será que é um anfíbio? Muitos anfíbios respiram na água quando são novinhos e depois respiram ar quando viram sapos e rãs adultos. Você poderia estar no meio do caminho entre a água e o ar, ou seja, viver na água e respirar o ar!

— Não, Jabutica. A Rhina me garantiu que não sou anfíbio. Meu corpo sem patas é alongado e achatado na cauda, o que facilita me mover dentro da água e não na terra, mas respiro ar.

— Entendi. A Rhina sabe mais de anfíbios do que eu. Desculpe, jovem, mas acho que não vou poder ajudar você nessa questão.

Enquanto isso, Glauca tinha ficado desesperada com o sumiço de Piramba. Procurou por todos os cantos e até chamou a polícia para investigar o caso. Foi perguntar a Pilantrino se sabia de alguma coisa e o avistou vindo do lago segurando um balde com Piramba dentro dele.



Pilantrino, já arrependido mas sem confessar o que tinha feito, inventou que achou o peixe e estava indo devolvê-lo, mas ela ficou desconfiada de sua atitude. Pegou Piramba e rapidamente o levou para um novo tanque, que agora teria uma tampa trancada com chave. Ele estava feliz por vê-la, mas voltou a ficar triste por ter de aguentar a chatice dos outros peixes de novo.

Uma reviravolta, no entanto, estava para acontecer. Glaucia voltou no dia seguinte toda eufórica:

– Descobri!! Descobri!! Você tem pulmões! Os peixes têm brânquias grandes para respirar na água. Sapos, pererecas, jabutis, lagartos, serpentes, jacarés, aves e mamíferos têm pulmões, cada um do seu tipo, para respirar ar. Você é um PEIXE PULMONADO, como aqueles que existem lá no Pantanal e na Amazônia, chamados de piramboia.

Piramba ficou, ao mesmo tempo, feliz e confuso ao descobrir sua identidade. Ele pensou: “Quer dizer que, na verdade, eu tenho dupla identidade? Pareço com os peixes, mas tenho pulmões para respirar, como a Rhina e a Jabutica. Que loucura! E como será lá nesses lugares, Pantanal e Amazônia?”



Olha só alguns pulmões





A partir dessa descoberta, Glaucia prepara, então, uma expedição científica para ir ao Pantanal, no centro do Brasil. Para isso, precisaria de dinheiro, o que a fez trabalhar dia e noite escrevendo um projeto de pesquisa para estudar como vivem as piramboias no seu local natural. Felizmente, depois de alguns meses ela conseguiu a aprovação do seu projeto. Assim, Piramba, Glaucia e seus alunos do curso de Biologia, Gabriel e Clarice foram para o Pantanal.

Ao chegarem na região, encontraram-se com um morador nativo que os levaria a um local onde poderiam encontrar piramboias. Foi uma grande decepção, pois não havia nada, somente um monte de lama seca. Era final da estação de estiagem que, nos últimos anos, estava ficando cada vez mais longa.

No dia seguinte, passada a noite de desânimo, voltaram para explorar o local.

– Vejam o que eu achei!! Tem alguma coisa comprida e enrolada enterrada aqui!

Cavaram com cuidado, até que Glaucia conseguiu tirar aquele objeto estranho e alongado, todo envolvido por lama seca. Ela deu um grito tão alto que até espantou umas araras que estavam nas árvores ao lado:

– Achamos as piramboias! Uhuuu!!



Logo em seguida tiveram uma sensação de tristeza horrível ao notarem que todos os animais encontrados estavam imóveis e secos.

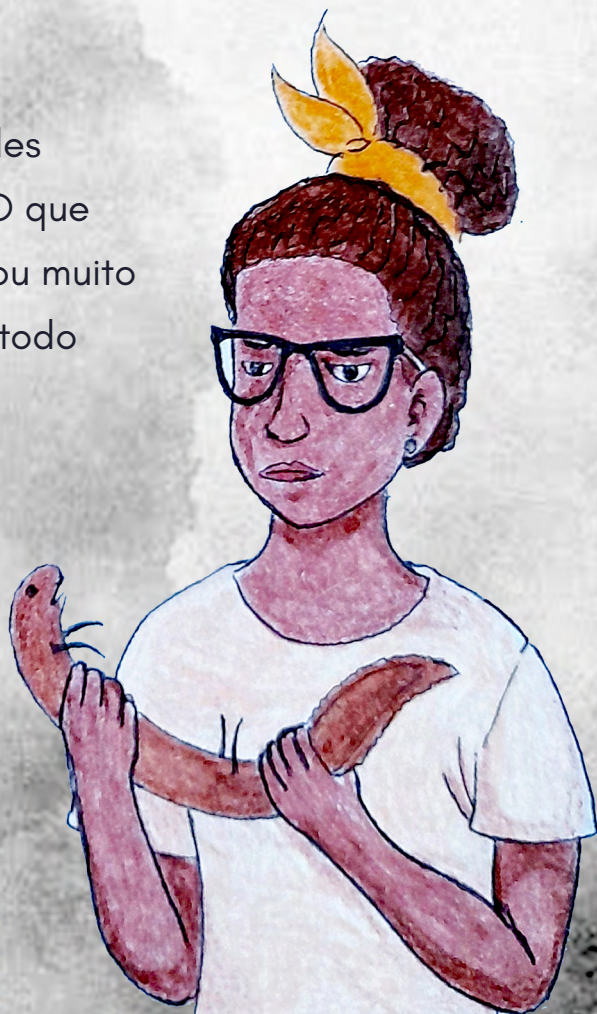
– Eles não suportaram a seca e morreram?! Que desastre! – Lamentou Gabriel.



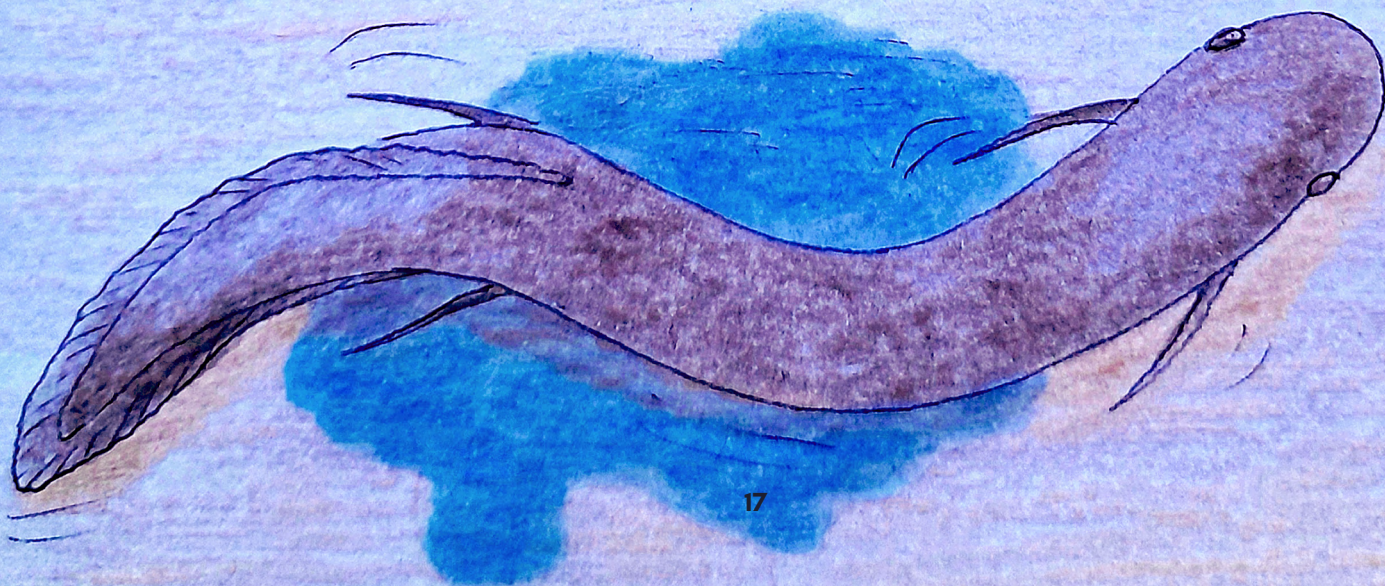
Foi quando levaram um susto enorme ao ouvirem o barulho de um trovão explodindo no céu. Cabrummm! Finalmente chegavam as primeiras chuvas da primavera.

Levaram aqueles animais ao acampamento para analisá-los e os colocaram na mesa perto do aquário de Piramba, que logo se identificou com aqueles seres ressecados:

“Então esses são os meus parentes? Eles existem mesmo! Mas, estão mortos?! O que terá acontecido?!” — pensou ele. E ficou muito agitado dentro do aquário, subindo a todo momento para respirar.



Glaucia estava concentrada observando aqueles animais com aparência de mortos. Até que se assustou com um trovão e bateu o braço no aquário de Piramba, derrubando-o. A água espalhou pela mesa onde estavam as piramboias secas. Glaucia foi socorrer Piramba, mas ele escorregou feito sabão das suas mãos. Enquanto isso, algo surpreendente acontecia. Quando ela se virou, levou outro susto e quase caiu para trás. As piramboias que se molharam começaram a se mexer!



Diante da confusão, e do grito de Gláucia, todos vieram para sua barraca.

– Não é possível!! Esses peixes estão vivos?! – exclamou Clarice.

Piramba estava muito confuso com aquilo tudo, e com os trovões que não paravam, mas de repente reconheceu aquele olhar de contentamento de Gláucia. Ela começou a andar de um lado para o outro e a falar sozinha:

– Então é verdade! As piramboias podem estar quando as lagoas do Pantanal secam, isto é, ficam um tempo paradas, dormentes poupando energia, respirando muito pouco, como se estivessem mortas. Mas não estão mortas! Só estão estivando enterradas na lama seca. E eu que achei que isso era lenda indígena. É tudo real!



A chuva desabou. Choveu a noite toda e Glaucia não conseguia dormir, maravilhada com tudo aquilo que havia descoberto. Ao mesmo tempo, estava também preocupada com Piramba: “Será que deveria soltá-lo ali com seus parentes? Isso poderia afetar o equilíbrio da população das piramboias dali, e Piramba seria um estrangeiro”. Que dilema!

Ao voltarem ao local de escavações, no dia seguinte, viram uma cena completamente diferente. Uma lagoa estava se formando e puderam observar algumas cabeças de piramboias aparecendo de vez em quando na superfície da água. Piramba não acreditava no que via: “Uau! Eles fazem igualzinho a mim. Rhina tinha razão quando disse que poderiam existir seres parecidos comigo. Eles existem! Só que estão muito longe do aquário onde eu vivia.”

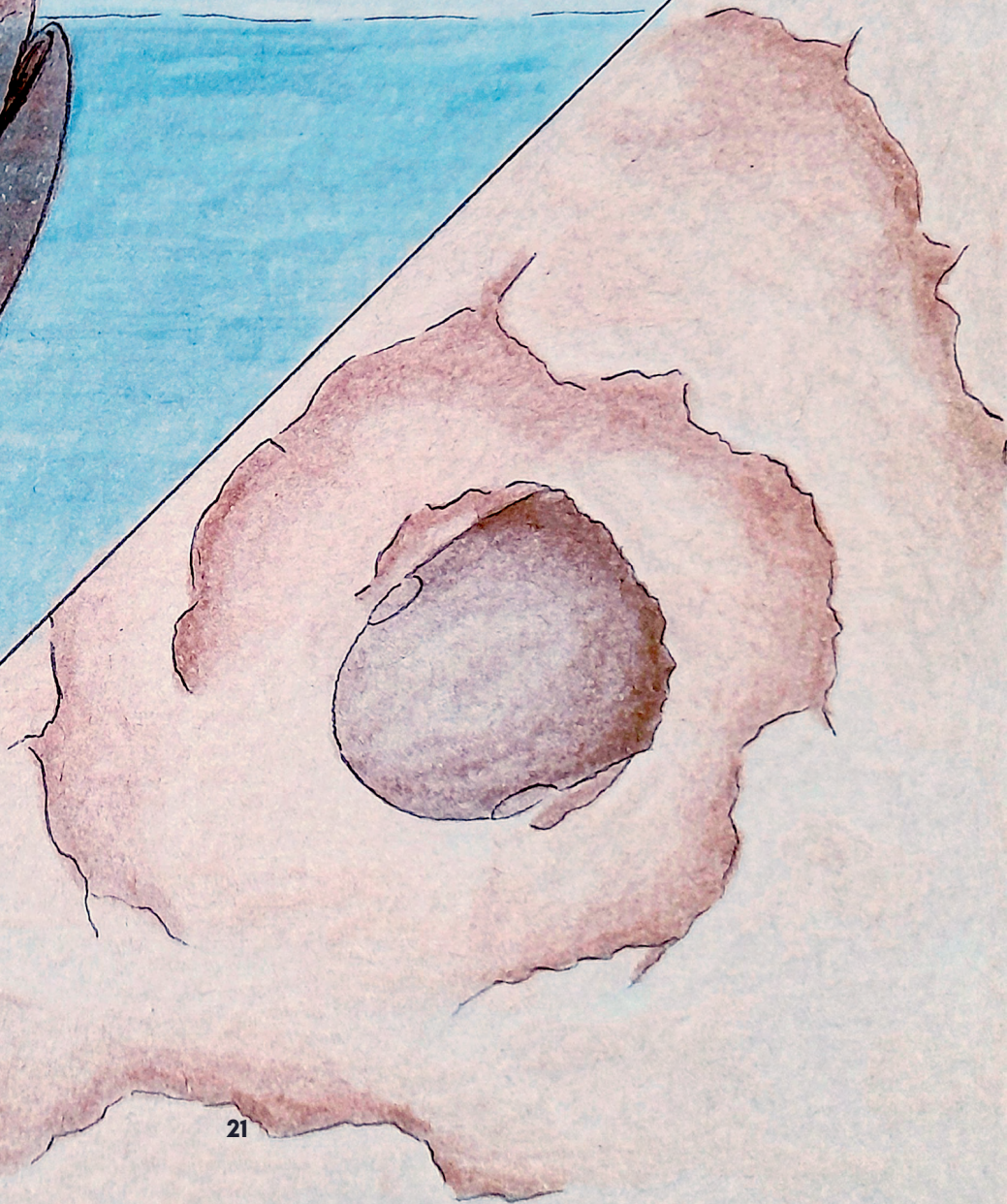
Ficaram por ali alguns dias pesquisando o ambiente e os comportamentos das piramboias. A lagoa aumentou de tamanho e já havia também outros peixes que respiram dentro da água. Tudo tinha mudado na vida de Piramba, que pensava: “Os peixes aqui não riem das piramboias. Eles sabem que elas são diferentes deles. Isso aqui é um paraíso!”

Sim, esse é o local onde vivem há milhares de anos. Contudo, como em qualquer outro lugar, também há muitos perigos, como possíveis predadores e a competição por espaço e alimento na lagoa. Além disso, a poluição produzida pelos humanos já estava chegando por ali. Assim, Glauca sabia que tinha muito o que pesquisar e ajudar a preservar aquela natureza linda. E Piramba estava feliz por descobrir sua identidade e sua origem. Já não era mais um peixe defeituoso, e sim um peixe diferente. E isso era muito interessante!



**Vamos
pensar juntos?**

**Que lições aprendemos
com a vida dupla de Piramba?**



Autora

Kênia Cardoso Bícego é professora Associada do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista – FCAV-UNESP – de Jaboticabal. Sua linha de pesquisa é relacionada à área de Fisiologia Animal Comparada, sobre regulação metabólica e da temperatura corporal em diferentes espécies de animais.

Ilustrador

Luís Fernando Ferreira é um entusiasmado ilustrador de expressões da natureza. Graduado em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, em Muzambinho.

Edição de imagens

Natália Aranha de Azevedo é bióloga pela UNESP – Jaboticabal e trabalha com ilustração científica e de conteúdos paradidáticos. Agradecemos pela preciosa edição de imagens nesse livro.

Informações científicas

Lepidosiren paradoxa, conhecido popularmente como piramboia (peixe-cobra, em tupi), é a única espécie de peixe pulmonado da América do Sul. Das outras cinco espécies existentes no mundo, quatro estão na África e uma na Austrália. Esses peixes são mais aparentados com os vertebrados terrestres do que com os aquáticos. Essa história apresenta alguns dados biológicos baseados em pesquisas desenvolvidas por cientistas da Universidade de São Paulo-USP, da UNESP e de Universidades Federais do Brasil. Uma homenagem especial é dedicada ao Dr. Mogens L. Glass, um cientista dinamarquês muito gentil que escolheu viver e trabalhar no Brasil, na USP em Ribeirão Preto. Dedicou-se a estudar o funcionamento do sistema respiratório em diferentes espécies, incluindo comparações com humanos. Juntamente com seus (suas) orientados (as) de pós-graduação, desvendou vários princípios da fisiologia respiratória em piramboia. Dentre os (as) diversos (as) cientistas que ele formou, está aquele que foi meu orientador de mestrado e doutorado. Assim, tenho a grata satisfação de ser 'neta científica' do saudoso Prof. Mogens.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

B583 Bicego, Kênia Cardoso.
Piramba, um peixe diferente com crise de identidade
[recurso eletrônico] / Kênia Cardoso Bicego ; ilustrações
Luís Fernando Ferreira. — 1. ed. — Jaboticabal : Edição da
Autora, 2022.
Dados eletrônicos (pdf).

ISBN 978-65-5854-607-8

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Ferreira,
Luís Fernando.

CDD 808.899282

Diagramação: Marina Dias | MADÍ Comunicação

Revisão de texto: Semíramis Paterno